

Banco Central: tendência não é explosiva

Apesar dos recordes históricos, Altamir Lopes, do BC, diz que situação está sob controle

Enio Vieira

• BRASÍLIA. Apesar de a dívida pública vir batendo sucessivos recordes históricos, o Banco Central (BC) considera que sua trajetória está sob controle. O chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, afirmou ontem que, assim como a cotação do dólar subiu e elevou a dívida, também pode cair e reduzir o endividamento. Segundo Altamir, levando-se em conta a cotação do dólar nos atuais R\$ 3,12, a dívida líquida já caiu para R\$ 790 bilhões em agosto, o equivalente a 59% do PIB.

— A tendência não é explosiva. Esperava-se que a alta do dólar colocasse a dívida líquida em 63% do PIB em julho, mas o impacto acabou sendo menor. A dívida não cresceu tanto porque o Tesouro Nacional também recomprou títulos — disse Lopes.

A disparada da cotação do dólar fez com que a dívida líquida do setor público (débito total menos o que o governo tem a receber) chegasse a R\$ 819,4 bilhões, o equivalente a 61,9% do Produto Interno do Bruto (PIB). A alta de 20,54% da moeda americana em julho provocou um crescimento de R\$ 68 bilhões no endividamento público. Os juros foram responsáveis por R\$ 1,13 bilhão a mais na dívida.

A porcentagem do PIB que a dívida líquida representa funciona, para o mercado financeiro, economistas e analistas, como termômetro da capacidade de um país honrar seus compromissos. O Ministério da Fazenda chegou a prever, há três anos uma relação de 46% do PIB para o fim de 2001, mas a turbulência no câmbio mudou o cenário e a estimativa ficou longe de ser alcançada.

Já a dívida bruta (sem descontar os créditos do governo) ultrapassou, em julho, pela primeira vez na História a marca de R\$ 1 trilhão: alcançou R\$ 1,097 trilhão ou 82,9%

do PIB.

Para o chefe do Departamento Econômico do BC, a possível redução na relação dívida/PIB dos 61,9% de julho para 59% neste mês indica tendência à estabilidade agora e de queda para os próximos meses. A influência do câmbio no grau de endividamento público é cada vez maior, uma vez que metade da dívida pública brasileira (R\$

520,1 bilhões) é corrigida pela moeda americana.

A alta do dólar causou um aumento de R\$ 34,318 bilhões no endividamento interno e de R\$ 33,668 bilhões na dívida externa pública em julho. Bem mais do que os R\$ 22,95 bilhões que o governo federal conseguiu economizar no superávit primário de janeiro a julho desse ano.

O efeito negativo do câmbio sobre

o endividamento fica mais evidente quando se compara os números atuais com os de 1998, antes de o governo começar a usar os títulos corrigidos pela variação do dólar para tentar acalmar o mercado e conter a desvalorização do real. Em janeiro de 1998, a dívida bruta estava em R\$ 383,553 bilhões (42,43% do PIB), quase um terço dos atuais R\$ 1,097 trilhão. ■